ISSN Impresso 1809-3280 | ISSN Eletrônico 2177-1758
www. esmarn.tjrn.jus.br/revistas

CRISE DA DEGENERESCÊNCIA E DISCURSO EM BACHELARD E FOUCAULT

DEGENERATION CRISIS AND DISCOURSE IN BACHELARD AND FOUCAULT

Juliana Moreira Streva *

RESUMO: O presente trabalho busca abordar a crise do paradigma trazido pelo discurso da ciência moderna, que, por meio de linguagem técnica, se apresenta como uma verdade-essência universal, fixa e inquestionável. Esse paradigma científico acaba por camuflar outras formas de discurso, o que impossibilita seu devido debate e questionamento. Nesse sentido, é inicialmente analisada a imagem dogmática do pensar, mediante os ditos de Auguste Comte, problematizados com os escritos de Gaston Bachelard, Friedrich Nietzsche e Michel Foucault. Esse movimento crítico atravessa todo o campo do saber da ciência e se apresenta como o que Boaventura de Souza Santos chama "crise da degenerescência" e, ao mesmo tempo, uma crise epistemológica. Posteriormente, é analisada a questão do discurso pela perspectiva foucaultiana – por meio do regime de materialidade e da prática discursiva –, desmascarando o emaranhado do poder-saber e do desejo que se encontra no discurso da "verdade".
Palavras-chave: Foucault. Bachelard. Discurso. Ciência. Degenerescência.

ABSTRACT: This paper seeks to put in question the modern science's paradigmatic discourse that, through its use of technical language, presented itself as the essential truth which is universal, stable and indubitable. In this way, this kind of discourse conceals other types of non-technical discourse, rendering debate and infeasible inquiry. Regarding this, first we will analyse the dogmatic image of thought according to Auguste Comte which will be questioned on the writings of Gaston Bachelard, Friedrich Nietzsche and Michel Foucault. This critical movement crosses every field of science knowledge and is considered as what Boaventura de Souza Santos calls a "degeneration crisis" and, at the same time, an epistemological crisis. Finally, the perspective of Foucault about discourse will be presented; unmasking the network of power-knowledge and desire in which "truth" discourse is located.
Keywords: Foucault. Bachelard. Discourse. Science. Degenerescence.

SUMÁRIO: 1 INTRODUÇÃO; 2 A EPISTEMOLOGIA: AUGUSTO COMTE E GASTON BACHELARD**; 3 O DEBATE EPISTEMOLÓGICO EM FOUCAULT; 4 O DISCURSO FOUCAULTIANO; 5 CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.**

* Mestranda em Direito Constitucional e Teoria do Estado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa à problematização do discurso da ciência moderna, que, por meio da sua linguagem técnica, se apresenta como uma verdade-essência universal, fixa e inquestionável. Esse paradigma científico acaba por camuflar outras formas de discurso, mediante essa suposta noção de verdade técnica. Este estudo é realizado pelo confrontamento da imagem dogmática do pensar apresentada por Auguste Comte (1798-1857) em seu livro *Curso de filosofia positiva*, pelos escritos de Gaston Bachelard (1884-1962) – *Epistemologia* e *El compromiso racionalista (1976)* –, e de seu aluno Michel Foucault (1926-1984) – abordando, principalmente, *A ordem do discurso*, *O homem e o discurso* e *As palavras e as coisas*. Esses escritos são, portanto, a fundamentação teórica do presente artigo.

Este trabalho tem como objetivo geral a análise crítica do discurso, que se diz neutro e universal, detentor de uma verdade absoluta. Já o objetivo específico é analisar essa problematização por meio dos escritos de Comte, Bachelard e Foucault. O método empregado é, principalmente, o questionamento especulativo epistemológico, tendo como metodologia a pesquisa do tema e a leitura das obras supramencionadas, conjuntamente com a devida análise interpretativa. O resultado obtido é a percepção de certo desenvolvimento crítico acerca do discurso da ciência, sob o viés crítico-filosófico, que se propõe a repensar os discursos presentes, desvendando o emaranhado do poder-saber e do desejo que está presente por trás dos discursos técnicos.

2 A EPISTEMOLOGIA: AUGUSTO COMTE E GASTON BACHELARD

A epistemologia moderna – considerada a partir do século XVII – apresentou um crescimento e se consolidou com o desenvolvimento das ciências na sociedade industrial e da técnica (SANTOS, 1989). Cabe analisar, primeiramente, o que significa o termo 'epistemologia'.

Segundo Runes (apud SANTOS, 1989), a Epistemologia pode ser compreendida como o ramo da Filosofia responsável por investigar a origem, os métodos, a estrutura e a validade do conhecimento. Já Lalande

(apud SANTOS, 1989, p. 19-20), em *Vocabulaire de philosophie*, define-a como "o estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados de diversas ciências". Bachelard (apud SANTOS, 1989), por outro lado, busca, sob o nome epistemologia, fundar uma filosofia científica, isto é, uma filosofia não filosófica. Logo, evidencia-se que o termo não possui um conceito definido compartilhado, mas um estatuto duvidoso, seja quanto ao seu objeto, seja quanto à função de sua área específica nos saberes. Santos (1989) aponta que, quanto ao seu lugar do conhecimento, pensadores pertencentes ao positivismo querem torná-la uma ciência, já outros – que reagem contra o positivismo – pretendem colocá-la no seio da filosofia.

Urge analisar a ideia da ciência e de uma filosofia científica, para melhor compreender o embate em pauta. Auguste Comte (1978), em *Curso de filosofia positiva*, defende um conhecimento científico que apresenta verdades invariáveis, absolutas, universais, a-históricas, que evoluem de forma linear, isto é, de forma descontextualizada das condições históricas e políticas que propiciaram a construção desse saber.

De acordo com ele, desde os antigos gregos, havia a busca de leis imutáveis. Na modernidade, essa procura reapareceu com os fundadores da "filosofia positiva", cujo conhecimento baseava-se nos dizeres da ciência positiva, segundo os quais deve haver previsibilidade, que permite o desenvolvimento de uma técnica; logo, "filosofia positiva" e "ciência positiva" dizem respeito a um único e mesmo conteúdo, sendo a base da filosofia positiva "tomar todos os fenômenos como sujeitos a leis naturais invariáveis", não importando para essa investigação as chamadas causas (COMTE, 1978, p. 6).

Posteriormente, Bachelard (1983) se opôs a esse pensamento dominante, defendendo um processo histórico não linear, marcado por descontinuidades e revoluções, no qual o que mais importa são os primeiros erros na ciência e não as verdades primeiras, visto que estas são meramente aproximações. Busca, assim, substituir um saber "firmado e estático", defendido por Comte (1978), por um conhecimento "aberto e dinâmico". Conforme esclarece, "o espírito cientifico é essencialmente uma retificação do saber [...]. Cientificamente, pensamos o verdadeiro como a retificação histórica de um longo erro" (BACHELARD, 1983, p. 112).

Prossegue afirmando que a experiência nova pode dizer "não" a uma experiência antiga, mas esse "não" jamais será definitivo, uma vez que se manterá até que um conhecimento posterior venha a desconstruir os conhecimentos anteriores mal formulados. Nesse sentido, aceita a ruptura entre o "conhecimento sensível" – capaz apenas de determinar uma falsa direção – e o "conhecimento científico" – capaz de alcançar uma verdade temporária. Assim, a verdade, tida como o conhecimento do real, nunca é imediata e plena e o conhecimento não científico apenas aponta para uma falsa direção (BACHELARD, 1983).

3 O DEBATE EPISTEMOLÓGICO EM FOUCAULT

Foucault, aluno de Bachelard (KELLY, 1994), em sua obra *Arqueologia do saber*, apresenta críticas sobre alguns pontos da epistemologia proposta por Bachelard, a qual se relaciona com os termos 'ruptura', 'obstáculo' e 'ato epistemológico'. A epistemologia bachelardiana faria uso da noção de ruptura epistemológica, que expõe a ideia de que o conhecimento sensível rompido seria um obstáculo epistemológico, isto é, um obstáculo que levaria o cientista ao alcance de uma verdade (temporária) (FOUCAULT et al., 1971).

Entende que é próprio da epistemologia ignorar a instância das relações ordenadas, ou seja, o conhecimento do processo causal material no qual se baseia o saber científico (FOUCAULT et al., 1971). Assim, sob a óptica foucaultiana, todos os valores e sentidos devem ser investigados de acordo com sua historicidade, pois não há essências preexistentes, universais e fixas (DREYFUS; RABINOW, 1995). Logo, reconhece como sendo mérito de Bachelard a nova noção do termo 'ciência', como algo que só pode formar-se a partir de rupturas em um "tecido de erros tenazes", no qual importa mais os erros do que as verdades. Contudo, ainda resta explorar esse tecido que Bachelard não conseguiu pensar (FOUCAULT et al., 1971).

Cabe reconhecer as modificações essenciais realizadas por Bachelard. Não obstante, o autor ainda mantém uma imagem dogmática cientificada do pensamento – comum do Iluminismo –, que sustenta a ideia de que a atividade do pensar (racional) é um exercício natural e exclusivo dos seres

humanos para alcançar o verdadeiro (ciência-verdade). Esse alcance pode ser desviado pelos afetos, que levariam necessariamente ao erro. Logo, o racional deve ter domínio sobre os afetos para que se alcance a "verdade" (DELEUZE, 1976).

Apesar de compreender o verdadeiro como temporário e não preexistente, Bachelard ainda mantém a visão naturalista de que o pensar, por meio da razão, o leva à verdade. Nesse cenário, Nietzsche realiza, anteriormente a Bachelard, uma crítica radical que engloba a própria verdade como a ideia da verdade como um ideal. Segundo ele, a "vontade de verdade" precisa ser criticada, colocando, finalmente, em questão o próprio valor da verdade (DELEUZE, 1976).

Nietzsche (2008b, p. 36) problematiza profundamente a noção de verdade, em sua obra *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, de 1873, afirmando que "as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível". Vai mais longe e disserta que as ciências ignoram, em todos os momentos, a genealogia das forças (NIETZSCHE, 2008b). Defende que o conhecimento é uma invenção e que não é produzido por uma faculdade natural, mas, sim, a partir de lutas, impulsos e desejos. Segundo ele, o pensar não é um exercício natural e voluntário de uma faculdade, mas depende de forças (os afetos) que se apoderem do pensamento (DELEUZE, 1976). Desfaz, assim, o paradigma da relação naturalizada entre a verdade e o conhecimento, isto é, por um ato da razão do pensar, é natural a todos alcançar a verdade. Enfim, rompe profundamente com a noção de verdade historicamente defendida e passa a analisá-la como fruto de embates políticos e de uma falsificação diferenciadora do verdadeiro e do falso (DELEUZE, 1976; FOUCAULT, 1997).

Assim, Nietzsche rompe com a confusão feita inicialmente por Comte a respeito das noções de filosofia e ciência, que é, posteriormente, mantida por Bachelard. Ele expressa que a filosofia não serve para justificar um poder existente, como o Estado, a Igreja e como a ciência também busca fazer – justificar e compreender o existente. O pensador alemão declara que o filósofo não é um sábio, mas um amigo da sabedoria em sentido ambíguo, pois é ao mesmo tempo um antissábio, responsável por ir contra seu tempo,

contra os paradigmas considerados verdades, mostrando o contrassenso de termos, como a "filosofia positiva" de Comte e a "filosofia científica" de Bachelard (DELEUZE, 1976).

Por meio dessas contestações radicais, apresenta-se uma crise profunda da ciência, que passa a ser questionada e repensada em diversos ângulos. Essa crise representa também uma crise epistemológica, intitulada como "crise da degenerescência"; em outras palavras, conforme esclarece Santos (1989), uma crise que questiona a própria forma de inteligibilidade do real, capaz de atravessar todas as disciplinas, colocando em dúvida a visão de mundo sustentada até então pelo que era tido como verdade. Ela impulsiona, portanto, uma reflexão hermenêutica crítica da epistemologia, que se dá conta da precariedade do paradigma em crise, passando, assim, a desconstruir a supremacia do discurso da ciência sobre os outros saberes, como realizado pelos pensamentos de Comte e Bachelard, que sobrepõem o conhecimento da ciência aos conhecimentos sensíveis (humanas) (SANTOS, 1989).

4 O DISCURSO FOUCAULTIANO

Cabe, então, analisar a noção do termo 'discurso' no pensamento de Michel Foucault, conjuntamente com a crise da degenerescência da ciência quanto ao seu domínio e suposta neutralidade – referente à verdade – no pensar.

Michel Foucault, sob possível influência do pensamento de Nietzsche (HABERMAS, 1994), apresenta como questão decisiva a análise do "discurso" dentro de um regime de materialidade, isto é, muito além de reconhecer a relação de poder, aponta para a necessidade de pensar a história do discurso em sua materialidade, considerada constitutiva do próprio enunciado. Assim, precisa-se compreender o enunciado em sua substância, em seu suporte, lugar e data; em outras palavras, pensar a "história dos acontecimentos discursivos como estruturada por relações materiais que se incarnam em instituições" (FOUCAULT et al., 1971, p. 49-50).

O pensador francês sustenta como uma grande utopia a crença em uma linguagem completamente transparente, em que as coisas seriam

perfeitamente nomeadas sem confusão, seja por um sistema arbitrário, mas plenamente refletido, seja por uma linguagem natural que traduzisse o pensamento como uma fotografia (FOUCAULT, 1987).

Em *As palavras e as coisas*, esclarece que falar ou escrever não é se exprimir ou traduzir um pensamento, mas, sim, direcionar-se ao "ato soberano de nomeação", isto é, encaminhar-se, por meio da linguagem, para onde as coisas e as palavras se ligam em seu comum, no qual é possível dar-lhes um nome (FOUCAULT, 1987, p. 135).

O discurso, com base no regime da materialidade proposta por Foucault, só é passível de ser definido por meio das relações que o constituem. É nesse sentido que o pensador francês constrói a noção de "relações discursivas" ou "regularidades discursivas", devido ao fato de o discurso ser entendido como uma prática, em última análise, inserida em relações materiais específicas (data e lugar). Cabe esclarecer que "prática" não implica a atividade de um sujeito, mas, sim, a "existência objetiva e material de certas regras às quais o sujeito tem que obedecer quando participa do discurso" (FOUCAULT et al., 1971, p. 51).

Ao não aceitar uma visão do discurso fora do sistema de relações materiais que o estrutura e constitui, Foucault realiza uma profunda inovação teórica e apresenta a noção da "prática discursiva". Conforme aponta Lecourt (FOUCAULT et al., 1971), essa nova categoria é um marco divisório entre as obras *Arqueologia do saber* e *As palavras e as coisas*.

Em *Arqueologia do saber*, o "acontecimento discursivo" implica as relações entre enunciados ou, ainda, entre grupos de enunciados, como também entre acontecimentos de ordem técnica, econômica, social e política (FOUCAULT et al., 1971). Já em *As palavras e as coisas*, Foucault (1987) estabelece que toda linguagem é discurso, devido ao poder único de uma palavra, que, dentro do sistema de signos, caminha em direção a ser aquilo que é significado. Assim, falar tanto envolve a representação por signos quanto confere aos signos uma forma sintética comandada pelo verbo.

Em sua aula inaugural no Collège de France, em 1970, Foucault descreve que, em sociedade, é notório o fato de que qualquer pessoa não pode falar de qualquer assunto em qualquer circunstância – o que é defendido

por Bachelard como a erradicação da opinião. Para Foucault, essa limitação refere-se à existência do tabu do objeto, ao ritual da circunstância e, ainda, ao direito privilegiado ou exclusivo de quem fala. Assim, diferentemente de Bachelard, que justifica essa limitação e defende a cessação de qualquer opinião, o filósofo identifica criticamente essas três interdições da fala que se intercruzam, reforçando-se e compensando-se uma na outra, construindo uma rede complexa em movimento, cujas regiões mais cerradas são a sexualidade e a política (FOUCAULT, 1996).

Segundo sua descrição, há três grandes sistemas de exclusão exteriores que atingem o discurso, quais sejam: (i) a palavra proibida (tabu); (ii) a segregação da loucura (racional x irracional) – a defesa de que o racional deve controlar os afetos –; e (iii) a vontade de verdade (ciência). Além deles, existem procedimentos de exclusão internos, nos quais o próprio discurso realiza seu controle, como os procedimentos de classificação, ordenação, distribuição, entre outros. Há, ainda, outras formas de restrição que não se inserem em nenhum dos sistemas mencionados, por operarem de forma diferente, como é o caso do regime de exclusividade e de divulgação (por exemplo, o segredo técnico ou científico) e das formas de difusão e circulação do discurso médico, econômico ou político (FOUCAULT, 1996).

Evidencia-se que o discurso está relacionado com o desejo e o poder, pois é por ele que se constitui o sujeito que diz a "verdade", que opera sob um complexo regime de exclusão de diferentes tipos de fala, ao associá-los à ausência de verdade e de razão (FOUCAULT, 2011). Como a psicanálise já mostrou, o discurso "não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; [...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar" (FOUCAULT, 2011, p. 10).

Urge, portanto, reconhecer o jogo complexo no qual o discurso está inserido. Ele pode ser, ao mesmo tempo, fruto do poder e seu obstáculo, ou seja, produz o poder e, ao mesmo tempo, o debilita. Como esclarece Foucault (2005, p. 95-96), "[o]s discursos são elementos ou blocos táticos no campo da correlação de força; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular

sem mudar de forma entre estratégias opostas". Assim, as práticas discursivas não são meros meios de produção de discursos, mas adquirem forma em "conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm" (FOUCAULT, 1997, p. 11).

Para Foucault, qualquer discurso, inclusive o da ciência – *stricto* e *lato sensu* –, se situa dentro do rol dos discursos ideológicos, configurado como um motor único, que movimenta todos os discursos de uma época. Conforme destaca Escobar (FOUCAULT et al., 1971, p. 76), ele vai além, buscando "circunscrever o 'comportamento do homem' nos termos desta *episteme*, isto é, nos modelos que a ciência dos homens encontra na biologia, na economia e no estudo da linguagem". Isso significa vestir um discurso ideológico – como todos o são, segundo Foucault – nas roupas de um discurso meramente técnico/neutro.

Nesse sentido, Foucault busca, ao longo de suas obras, denunciar a construção e o efeito do discurso com pretensão científica por meio das relações de poder, como, por exemplo, o discurso médico, psiquiátrico e econômico. No caso do discurso psiquiátrico – ilustrando um exemplo da imagem naturalizada do pensamento cientificado, que opõe o racional, em sua supremacia, ao irracional –, ele foi constituído posteriormente aos internamentos dos loucos e dos ociosos iniciados no período clássico, que possuíam caráter de "polícia" (FOUCAULT, 2009) e higienista (FOUCAULT, 2001), visando a substituir o discurso político por um discurso técnico inquestionável (FOUCAULT, 2009).

Foucault critica a noção, sustentada por Bachelard (1983), de que um conhecimento científico está voltado ao alcance da verdade, realizando uma constante retificação do saber, ao ignorar o vínculo do poder-saber. Segundo ele, a ciência médica retira a dimensão social da análise da "loucura" e a neutraliza no campo da ciência como verdade-essência. Esclarece que:

> As disciplinas veicularão um discurso que será o da regra, não da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra 'natural', quer dizer, da norma; definirão um código que não será o da lei mas o da normalização; referir-se-ão a um horizonte

> teórico que não pode ser de maneira alguma o edifício do direito mas o domínio das ciências humanas; a sua jurisprudência será a de um saber clínico (FOUCAULT, 1979, p. 5).

Por meio da investigação da construção histórica do discurso, Foucault realiza uma crítica radical à neutralidade discursiva, que fecha os olhos para a rede de desejo-poder na qual está ainda inserida, como também rompe profundamente com o paradigma da ciência no que tange à noção de verdade-essência, limitadora da prática discursiva.

5 CONCLUSÃO

Vislumbra-se a crise de degenerescência do discurso científico que se apresenta como um discurso técnico supremo diante dos demais saberes, por ser o único a conseguir alcançar a verdade-essência, una e universal. É nesse sentido que, sem desmerecer a importância do pensamento de Bachelard – inclusive no que diz respeito aos outros aspectos dos seus escritos que não se limitam à ciência, mas se estendem às artes, à poesia e até mesmo às questões de gênero, como se pode encontrar em *A poética do devaneio (1996)* –, essas críticas direcionam-se ao seu pensamento científico, no que tange à noção da supremacia do pensamento científico ao alcance de uma verdade.

Por meio da crítica radical de Nietzsche, acompanhada e desenvolvida pelo pensamento de Foucault, evidencia-se a necessidade de problematizar esse discurso que se diz neutro e analisá-lo dentro do regime de materialidade constituidor de seu próprio enunciado. Longe de se apoiar nas limitações da fala e do discurso – como, por exemplo, o tabu, a noção de verdade e a segregação do irracional (loucura) –, Foucault as revela, desconstruindo a noção de verdade, ao mesmo tempo que problematiza e põe em xeque essas limitações típicas e naturalizadas que se mantêm nos dias de hoje, no tabu relacionado à sexualidade, na noção da verdade da ciência e no poder clínico de determinar o normal e o anormal, o racional e o irracional no corpo social.

Seja na tentativa técnica de neutralizar o precioso campo crítico da filosofia, ao intitulá-lo como algo objetivo, positivo e científico, seja na análise da depreciação e repressão dos afetos e dos saberes (sensíveis), que não se inserem nos ditames fechados da ciência, Foucault descortina esse discurso da verdade como um emaranhado prático e dinâmico de relações de poder e de desejo, que gera a exclusão e a segregação.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **El compromiso racionalista**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1976.

_____. **Epistemologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Rio, 1976.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II. Curso do Collège de France (1983-1984). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **História da loucura**: na Idade Clássica. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **História da sexualidade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005. v. 1.

_____. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FOUCAULT, Michel et al. **O homem e o discurso**: a arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

HABERMAS, Jürgen. The critique of reason as an unmasking of the human sciences: Michel Foucault. In: KELLY, Michael (Org.). **Critique and power**: recasting the Foucault/Habermas debate. Cambrigde: The MIT Press, 1994.

KELLY, Michael (Org.). **Critique and power**: recasting the Foucault/Habermas debate. Cambrigde: The MIT Press, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Porto Alegre: LP&M, 2008a.

_____. **Sobre verdade e mentira em sentido extra-moral**. Tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008b.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Porto: Afrontamento, 1989.

Correspondência | Correspondence:

Juliana Moreira Streva
Edifício da Amizade, Ala Frings, 7º andar, Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, CEP 22.451-045. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Fone: (21) 3527-1103.
Email: julianastreva@aluno.puc-rio.br

Recebido: 05/02/2015.
Aprovado: 22/06/2015.

Nota referencial:

STREVA, Juliana Moreira. Crise da degenerescência e discurso em Bachelard e Foucault. **Revista Direito e Liberdade**, Natal, v. 17, n. 2, p. 111-123, maio/ago. 2015. Quadrimestral.